

HOY, Helen, How should I read these? Native women writers in Canada. Toronto, Buffalo, Londres: Editora da Universidade de Toronto, 2001.
264 p.

Eloina Prati dos Santos
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul/
Centro Universitário La Salle*

Helen Hoy é professora e pesquisadora na Escola de Literaturas e Teatro em Inglês na Universidade de Guelph, na Província de Ontário. Tomando por base as teorias pós-coloniais, feministas, estruturalistas e *First Nations*, ela explora a problemática da leitura e do ensino de uma série de textos contemporâneos produzidos por mulheres nativas no Canadá, sob a perspectiva de uma “intrusa cultural” (mulher branca, acadêmica, feminista).

O trabalho, um dos poucos livros sobre a literatura ameríndia contemporânea canadense, é original em combinar teoria e análise textual com reflexões pessoais e relatos pedagógicos, e principalmente ao intercalá-las com muitas epígrafes poéticas e críticas, presentes desde a introdução, que fragmentam a leitura e ao mesmo tempo a enriquecem com um contraponto ao discurso acadêmico.

Helen Hoy apresenta-se como uma “intrusa cultural”, mas escreve a partir de uma situação

privilegiada de acesso à cultura base dos textos que examina, uma vez que seu companheiro é o famoso escritor nativo canadense Thomas King, com quem tem dois filhos e uma filha adotiva indígena. Essa circunstância pessoal, que possivelmente orienta a inclusão das reflexões pessoais incluídas no texto, não torna sua situação mais fácil, pelo contrário, a torna mais consciente das ambigüidades entre as reações de familiaridade e estranhamento que experimentamos ao lidar com a cultura do outro, e todos os equívocos que podemos trazer para essas leituras. Hoy reconhece a vantagem profissional de tratar desse assunto, mas está alerta para as oportunidades de romancear, revelar ignorância cultural e uma mentalidade colonial, faltas comuns em análises antropológicas e feministas, bem como em leituras acadêmicas dessa literatura, que embora tenham avançado muito, produzem versões mais sofisticadas dos mesmos preconceitos.

O título do livro, uma versão de “How should I eat these?”, indagação retirada de um dos contos do texto, analisado no último capítulo, revela o cuidadoso e perigoso círculo de leituras e desleitura no qual Hoy nos envolve. A pergunta insidiosa é feita por um homem branco, faminto por estimulação cultural e sexual ao mesmo tempo, ao comprar pão frito de uma mulher indígena durante um *powwow*. A pergunta, esclarece Hoy, aponta para “como o gênero modula a raça e a raça modula o gênero na construção do consumo da diferença” (p. 4), um modelo que ela complica e amplia com a visão de críticos, teóricos e leitores de ambos os lados do espectro racial, aliados às suas próprias observações. Além disso, os textos lidos representam a complexa diversidade de posições pessoais, teóricas e ideológicas neles contidos, insistindo na discussão dos perigos tanto de fixar como de ignorar essas diferenças. O título do seu livro, ela salienta, “profere uma pergunta, não uma resposta” (p. 11), e revela a vontade de desvendar os desafios e as descobertas feitas no exercício dessas leituras. Hoy também se coloca como uma mediadora dessas leituras para nós, mulheres brancas, uma vez que a maioria das autoras expressa em entrevistas ou nos próprios textos terem sua própria raça como

interlocutores principais, já que o diálogo com seu próprio povo está mais do que atrasado. Esse desejo fica explícito no florescimento de várias editoras comandadas por nativos e revistas e jornais literários que discutem o desejo das nações indígenas de controlarem o diálogo entre elas e sua representação literária, uma reivindicação legítima em um meio acadêmico onde os nativos têm aparecido muito mais como objetos do que sujeito de estudos. Alguns escritores nativos revelam ainda a situação difícil de expressar-se como um acadêmico de classe média enquanto seus processos de pensamento ainda refletem as dificuldades de viver na fronteira entre duas molduras culturais, por vezes incompatíveis.

A mediação de Hoy é essencial, frente a uma possível inversão de papéis, com as mulheres de cor colocando-se como vozes centrais e brancos como observadores, abstendo-se do que Chandra Mohanty sugere passe a ser uma “co-implicação” das duas raças, em experiências assimétricas que constituem histórias, relacionamentos e responsabilidades compartilhadas (Mohanty, *Cultural Critique* 14 (1989-90): 179-208). Idéias como a “co-implicação” de Mohanty ou os “*scripts* de posicionalidade relativa”, de Susan Stanford Friedman (*Signs*, 21:1 (Outono 1995):1-49), podem contribuir para

a quebra de oposições binárias tradicionais entre branco e outro e o reconhecimento de identidades múltiplas, fluidas, definidas de forma relativa.

O subtítulo do trabalho, demonstra Hoy, traz uma série de dificuldades para as análises: os termos nativo, mulher, escritores e Canadá. Índio tem sido um termo considerado um termo “racista genérico” (Jeanette Armstrong, 1993, 33), dado aos habitantes do continente americano pelos europeus, e que apaga as distinções lingüísticas e culturais (entre outras) entre as centenas de tribos que aqui viviam na época da conquista. Os termos alternativos, *First Nations* e *Native*, também são homogeneizadores, embora afirmem a aboriginalidade e a soberania desses povos, levam a designação exclusivamente por tribo. Por enquanto, somente os Inuit e os Métis conseguiram estabelecer identidades distintas dentro dessa enorme rubrica de “nativo”.

Hoy relata as dificuldades encontradas nesse processo de nomear e diferenciar os vários autores, teóricos e críticos — tendo optado peça designação racial/étnica entre parênteses — que esbarrou na falta de registros públicos, resultando em listas aparentemente inadequadas de identificação, como a de seu companheiro, Tom King *Cherokee-Greek Canadian*

novelist. Essas denominações podem ocasionar um certo separatismo em categorias marginalizadas por categoria literária — literatura de mulheres de cor, literatura pós-colonial, etc, onde o risco de reinstalar o binário nativo/não-nativo é grande. A autora chama a atenção para a intenção de seu livro de questionar essas consolidações, ao invés de explorá-las.

O termo mulher como uma categoria feminista mobilizadora ao redor dessa categoria nem sempre corresponde às prioridades das mulheres nativas (Kate Shanley, in Beth Brant, *A gathering of spirit, 1988*, 213—15), observa Hoy. Para os grupos minoritários a questão da solidariedade grupal pode preceder a de gênero e para mulheres que cresceram dentro do sistema de internatos, violência familiar e comunitária, expostas tanto a regras tribais quanto a leis federais sobre o *status* da mulher de acordo com seu casamento, precisavam negociar alianças múltiplas em torno de sua autonomia. Assim sendo, Hoy avisa que os textos e suas análises exploram a diversidade de significados que circulam ao redor do termo “mulher”, escapando dos perigos da sobreposição das teorias feministas e pós-coloniais que focaliza a resistência sem distinções culturais.

Outro problema que não pode ser desconsiderado é o fato das análises serem de narrativas em prosa, que naturalmente incluem oratória, narrativas orais, tradicionais e recentes, típicas da cultura ameríndia, onde os textos impressos são apenas uma forma de expressão dessas culturas e muitas vezes a “tradução” da sua oralidade. Os textos escolhidos são em sua maioria romances, mas ilustram muitas formas de narrativa: da incorporação de narrativas orais, a diálogos, colagens e formas mais tradicionais de conto.

Ao falar sobre a importância da fronteira Estados Unidos-Canadá para os nativos, Tom King afirma que “o Paralelo 49 é um filamento da imaginação de um outro” (*The Native in literature*, 1987, 10), ou uma arbitrariedade contra as organizações tribais que até alguns tratados bilaterais tentaram abordar. Native-Canadian não adquiriu no Canadá a mesma importância que o correlato estadunidense Native-American. Por essa razão, Hoy, mesmo abordando escritoras nativas canadenses, usa exemplos provenientes de romances, poemas e textos de teóricas estadunidenses.

Em um dos sete capítulos, uma autora é colocada lado a lado com uma abordagem teórica sobre o ler e ensinar textos de mulheres

nativas. O todo pretende ser cumulativo, dialógico e interrogativo. (Hoy, 25) Nos dois primeiros capítulos, as autoras escolhidas foram Jeanette Armstrong (Okanogan), com *Slash* (1985), e Maria Campbell (Métis-Cree) com *The book of fiessica* (1989), para discutir questões de localização do leitor, diferenças culturais, apropriação cultural, principalmente em relação a leitores nativos aproximando-se de textos nativos pela primeira vez. O texto de Ruby Slipperjack (Ojibway), *Honour the sun* (1987) fornece ocasião para se discutir o lugar do silêncio e da voz, alinhados com o sentido de individualidade e comunidade, gênero e alianças raciais, entre outros. *In search of April Raintree* (1983), de Beatrice Culeton (Métis), supostamente autobiográfico, proporciona discussões sobre autenticidade, interlaçada com questões de padrões estéticos e hegemonia cultural. Com Beverly Hungry Wolf (Blood) e seu *The ways of my grandmother* (1980), o tópico é a subjetividade, dispersa nessa pletera de discursos: narrativas pessoais, informação etnográfica, mitos, e informações práticas sobre as artes domésticas dos Blood (Blackfoot). *Ravensong* (1993), de Lee Maracle (Salish-Métis), promove a discussão de várias posições pessoais em relação a ser mulher, membro

tribal, e cidadão global. Eden Robinson (Haisla-Heiltsuk) representa uma voz nova na escrita das mulheres nativas canadenses, aquela que não se ocupa mais exclusivamente de temas nativos. *Traplines* (1996) é um livro de contos sobre as angústias da adolescência, às vezes masculina, urbana, só algumas vezes codificada como indígena. Hoy tenta demonstrar que a violência contida nas histórias pode ser considerada um traço da experiência nativa, por um lado, ao mesmo tempo que aponta para a contestação de noções fixas sobre a história e a cultura nativas.

Nem os textos abordados, nem o formato intercalado de discursos diversos que Hoy adota, tornam fácil a leitura deste livro. As incertezas e angústias provocadas no leitor, a maior delas o sentimento de ampla e profunda ignorância sobre a cultura nativa da América do Norte, atestam sua relevância indiscutível e o êxito das estratégias escolhidas por sua autora. A amplitude da abordagem teórica, principalmente em relação às teorias feministas e pós-coloniais, e a persistente revisão de conceitos imperfeitamente aplicados à escritura das mulheres nativas, é um exemplo de trabalho de pesquisa da maior seriedade, onde texto e teoria são jogados um ao encontro do outro para iluminarem-se mutuamente, evitando as reduções

categorizantes e homogeneizantes e, com isso, contribuindo para reduzir nossos resistentes preconceitos e vícios de raça hegemônica, dentro e fora da academia.